IMORTALIDADE ACADÊMICA

Pe. SADOC DE ARAÚJO

Há um costume muito antigo de chamar de imortais os membros das Academias. À primeira vista, pode parecer apenas um consolo ingênuo diante da condição biológica da morte inexorável, contra a qual espontaneamente o espírito reage. É a semente de eternidade, que colocada no coração do homem e sendo irredutível à simples matéria, se levanta contra a morte.

Esta praxe acadêmica tem origem muito remota e foi, pela primeira vez, usada pelos antigos persas que chamavam de imortal a tropa de guarda de seus Reis, cujo efetivo de dez mil homens era sempre mantido completo, como se a falta de apenas um deles enfraquecesse os outros nove mil novecentos e noventa e nove.

Conosco, acadêmicos, acontece algo semelhante. Nossa vitalidade depende da unidade integral do conjunto.

Há também plantas conhecidas pelo nome de imortais. São aquelas cujos invólucros, como os dos amarantos, não mudam com o passar do tempo.

O número dos acadêmicos também não varia com o desenrolar dos anos. A imortalidade acadêmica, tão festejada na Academia Francesa, consiste em conservar inalterado, através dos séculos, o quantitativo dos sócios. Mudam os indivíduos, permanece o mesmo número. A morte não pode alterar a perfeição da totalidade. Só morreremos, se embora vivos, nos

desunirmos. Somos imortais, se embora mortos, permanecemos unidos na longa história da instituição.

A imortalidade acadêmica exige, portanto, de cada um de nós, a união, a solidariedade, a convivência fraterna, o espírito de família e o senso de comunidade. Nenhum de nós é imortal sozinho, mas todos o somos na perfeição do conjunto. Na realidade, só o amor é eterno, porque somente o amor nos une para sempre. Por isso é que morrer não é deixar de viver, mas deixar de amar. E, com muita razão, pôde dizer um poeta: "Somente os mortos têm uma saúde de ferro, pois somente eles não se podem separar mais."

Quando vim para esta casa de imortais, já sabia eu de antemão, que aqui iria encontrar vivos destinados a morrer e mortos presentes em minha vida. Todos irmanados à mesma condição de poder viver uma vida em comum.

Se o tempo não nos dispartisse no espaço, aqui estaríamos sempre reunidos na contínua e permanente sessão da imortalidade. Esta Academia Cearense de Letras, sempre vive à junção indestrutível do seu passado, do seu presente e do seu futuro. A distinção de tempo não influiria na permanente integridade da existência total. Que os mortos desta Casa vivam sempre em mim, para que suas vidas possam engrandecer e renovar a minha.

Desde o dia em que assumi uma cadeira neste silogeu, é a primeiro vez que a morte, em sua teimosa ousadia de separar os homens, tenta me desligar da convivência de um companheiro. E, para agravo, de um companheiro muito estimado e admirado, e cujo grandeza humana era um incentivo constante ao meu desejo de aprender.

Aos meus olhos de cristão, o passamento do general Carlos Studart Filho, ocorrido no ambiente do recolhimento espiritual da Semana Santa, torna-se um símbolo, pois ao mesmo tempo em que me lembra a morte, faz-me viver alegrias de ressurreição.

Antigo aluno dos beneditinos da Serra do Estevão, nunca poderia o General ter esquecido a lição litúrgica que aprendeu daqueles saudosos padres-mestres filhos de São Bento: "A vida começa com a morte".

Não é, portanto, por mera coincidência, que esta Academia lembra a morte de seu ilustrado membro ainda ouvindo as vozes festivas dos sinos que anunciam as aleluias da Páscoa. Sendo um imortal desta Academia e Presidente Perpétuo do Instituto do Ceará, sua pessoa não pode ter passado, senão porque lhe está garantida a presença no presente e no futuro.

Como médico e filho de farmacêutico, teria que ser um homem familiar e profissionalmente preocupado com defender a vida e combater a morte. Para mim era um encanto observá-lo, sentado à mesa do nosso chá preparatório das sessões, tomando higienicamente nas mãos as iguarias sólidas, com um guardanapo de papel, como medida de cautela profilática para evitar o perigoso contato direto do alimento com os dedos nus, possíveis portadores de germes patogênicos. Era o zelo pela saúde, a manifestação do desejo de muito viver. Talvez, por isso, chegou ao limiar dos 86 anos.

Escritor fecundo, autor de 25 livros e opúsculos, além de 160 artigos publicados em revista especializada e jornais, deitou profundas raízes no terreno de nossas letras.

Pai de sete filhos, permanecerá vivo na memória saudosa dos inúmeros descendentes.

Possuidor de muitos discípulos, e de uma falange de admiradores e leitores, a influência de sua atividade intelectual não desfalecerá.

Guardo, como uma relíquia, a carta que me dirigiu a 11 de abril de 1979 incentivando-me a escrever. São palavras suas: "Os que apreciam os estudos históricos, ao tomarem conhecimento das publicações de V. Sa., ficam sempre na expectativa de novos trabalhos, certos de que trarão novas e preciosas revelações de cunho histórico. Seus estudos têm o **status** da verdadeira Ciência Histórica. Era o estímulo do verdadeiro

mestre, consumado e brilhante, interessado mais pelo desenvolvimento da ciência, a que tão admiravelmente serviu, do que pela exaltação egoísta, do próprio nome já glorificado.

Se seu corpo **baixou ao ventre faminto da terra e hoje habita a cidade das tumbas dos mausoléus e das cruzes, seu espírito voa altaneiro**, presente entre nós que ficamos na cidade tumultuária dos vivos, como uma luz, brilhante e limpa, clareando o caminho do amor à verdade do serviço da Pátria e da dedicação ao saber.

Morrer é sair dos estreitos limites de si mesmo para entrar no infinito de Deus. Pensando assim, não cairá sobre nós a advertência de Bossuet, o mestre incomparável das orações fúnebres: "Os mortais não têm menos solicitude de enterrar os pensamentos da morte, do que de sepultar os próprios mortos".

O general Carlos Studart Filho deixou de ocupar, com seu corpo, uma das quarenta cadeiras deste plenário das letras, para se transferir para um cenário maior, onde permanecerá eternamente sentado, à direita do Pai, como um eleito de Deus, como um dos doze mil assinalados de uma das doze tribos de Israel.

Sua rápida e serena morte, suave como foi suave sua longa vida, aconteceu de manso e de repente, porque, como homem de letras e virtudes, soube passar, sem ruído e sem embaraço, da imortalidade acadêmica para a imortalidade dos justos.